

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACOES



Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## LUSALITE

### Fibrocimento nacional

O material mais indicado para nitreiras, silos, coelheiras, aviários, colmeias, depósitos para água, vinho e azeite, canalisações, caleiras para rega, divisorias, tectos e coberturas.

Económico, resistente, leve, isolador, higiénico e duradouro

O nosso serviço técnico presta, gratuitamente, todos os esclarecimentos

Distribuidores gerais:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.DA

Rua do Alecrim, 10—LISBOA

Telefone: 2 3948 — 2 8941 Teleg: Fibrocimento

## Adubos "SAPEC"

Superfosfatos

Sulfato de amónio

Adubos potássicos

Adubos mixtos para

todas as culturas



Os melhores adubos

Nas melhores sacarias

"SAPEC"

Rua dos Fanqueiros, 121

— LISBOA —

O mercado moderno exige...

## FRUTOS SÃO E PERFEITOS

Torna-se, pois, necessária uma contínua defeza contra as pragas que infestam os Pomares, Hortas e Jardins, com:

Produtos

SOLBAR  VENETAN

USTIN

Pedir preços e folhetos explicativos:

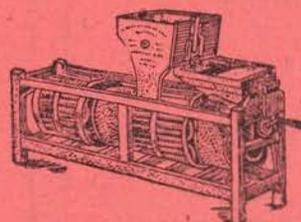
Secção Agrícola

Sociedade de Anilinas, L. da

Travessa das Pedras Negras, 1

LISBOA

## Crivos "MAROT"



São estes os únicos que satisfazem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal  
CASA CAPELLA—Ruã de S. Paulo, 109—LISBOA

## PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15  
e vinte mil escudos

A mais sólida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

## Polainas Marca DUQUE

da Rua do Ouro, 294

São proferidas pelas  
pessoas de bom gos-  
to, pela elegancia, re-  
sistencia e côr fixa.  
a retalho e revenda.

## CLINICA MEDICO CIRURGICA

DE

Dr. João Pulido e Dr. Covas Lima

Casa de Saúde

Tratamentos electricos, diatermia.  
Raios ultra violetas, infra-verme-  
lhos, correntes galvânicas  
Faradicas

RAIOS X

Quartos para internamento de doentes

Alia cirurgia a cargo do Ex.<sup>ma</sup> Sr.  
Dr. Amandio Pinto

R. Capitão João Francisco de Sousa

BEJA

## João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos  
mais modernos

## Francisco Romão Tenório

Herdade da Figueira de Cima

Creator de muars de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino  
lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos

ARRONCHES

## HERDADE DA GRAMICHA

DE

Francisco Adelino Gonçalves

Creator de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

ELVAS

## António Romão

FABRICA DE MOAGEM DE FARINHA EM RAMA

Amoreiras — GARE

## Joaquim da Silva Brito Pais

MONTE NEGRO — VALE DO SADO

Trigos seleccionados e aprovados pela Estação de Ensaio de Sementes

Cevada vulgar, distica, santa e preta, aveia, centeio e milho

Legumes, carvão, — cortiça, lousas e madeira.

Lãs, queijos, azeites — Porcos gordos e outros gados

## C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grêmio Alentejano a suas familias

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COZINHAS

Editor: ANTONIO BELEZA  
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR  
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:  
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## === N A T A L ===

Por AMADO DE AGUILAR



Amado de Aguilár

Por intermédio dos sinos,  
que levam, de serra em serra,  
os seus repiques divinos,  
Se o Povo canta, êle canta;  
Se chora, chora também.

desce o Céu—abraça a Terra,  
sóbe a Terra—abraça a Céu,  
em que Jesus lhe sorria,  
o Povo canta...

conforme alguém faleceu  
ou novo ser veio á Luz...

Terra e Céu beijam-se agora  
na magestade da hora  
do Natal do Bom-Jesus.

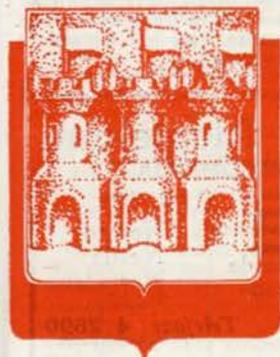
Relógio que o Povo tem,  
o sino não se adianta:

E os sinos  
lembram inquietos meninos  
na sua própria alegria!

Minha amiga:  
roga, pede,  
com ardor de quem tem sêde  
aos sinos de ao pé da Cruz,

que assim celebrem com brilho,  
o Natal do nosso filho  
que também será—  
Jesus!

### BRAZÕES ALENTEJANOS



Monforte



Alter do Chão



Campo Maior



Castelo de Vide

# O Alentejo retalhado?

## A propósito da divisão do País em Províncias

Por Luiz de Sousa Gomes

IV

Em 10 de Março de 1826 morre D. João VI e em 9 de Abril do mesmo ano, D. Pedro IV, como Regente do Reino, outorga no Palácio do Rio de Janeiro uma nova carta constitucional.

Esta, muito menos extensa do que a de 1822, declara no art. 2.º, o seguinte:

«O seu território forma o Reino de Portugal e Algarves e comprehende:

«§ 1.º — Na Europa, o Reino de Portugal, que se compõe das províncias do Minho, Traz-os-Montes, Beira, Extremadura, Alentejo e Reino do Algarve; e das ilhas adjacentes Madeira, Porto Santo e Açores».

No título VII, «Da administração e Economia das Províncias», capítulo I, art. 132.º, diz:

«A Administração das Províncias ficará existindo do mesmo modo que actualmente se acha, enquanto por Lei não for alterada».

Entra-se então no Regimen Liberal e, pelo Decreto de 16 de Maio de 1832, as funções administrativas são reparadas das judiciais, ao contrario do que até aí tinha acontecido, não em virtude das «Ordenações» como ainda das mais Leis anteriores do reino.

Os juizes que eram delegados do rei e seus agentes, pela promulgação da «Carta constitucional» passam a fazer parte constituindo independencia dos outros poderes do, Legislativo, Executivo e Moderador.

E' por este Decreto que os Reinos de Portugal e Algarves e ilhas adjacentes, são divididos em *Províncias, Comarcas e Concelhos*.

Muitos concelhos formam uma Comarca, varias Comarcas formam uma Província.

São abolidas tôdas as outras divisões territoriais de tôdas as naturezas ou denominação até então existentes.

Mas, esta divisão é provisoria e consta de um mapa anexo.

Algum tempo após — 28 de Junho de 1833 — é por um outro Decreto, novamente dividido o Reino, em *Províncias*; estas, em *Comarcas*; que, por sua vez são divididas em *Concelhos* que, constam de uma ou mais freguesias por inteiro.

Determina também que as divisões Eclesiásticas e Militar, serão reguladas por Decretos especiais.

Por o que temos exposto vemos que, do figurino *espanhol* de 1820, se saltou doze anos apoz para o *francês*, como declara Mousinho da Silveira, no relatório feito em Ponta Delgada em Maio de 1832.

Em 1835 por Carta de Lei de 28 de Fevereiro desse ano, é separada definitivamente a divisão judicial, da civil; que se efectiva pelo Decreto de 28 de Março do aludido ano, criando se então duas *Relações*; em que o País é dividido: — *A de Lisboa e a do Porto*.

As peripécias sucedem-se. Decretos vários, nomeações de comissões diversas, etc.; até que o Decreto de 18 de Julho de 1835, faz, provisoriamente (ainda!) a «*Divisão Administrativa*» e a sua «*Organização*» em Portugal.

E dele consta:

«Os Reinos de Portugal e Algarves, e as Ilhas Adjacentes são divididos em «*Districtos Administrativos*».

«Os «*Districtos*» subdividem-se em «*Concelhos*», os «*Concelhos*» compõem-se de uma ou mais «*Fréguasias*».

«Os *Districtos* ficam sendo 17 na metrópole, com 779 concelhos; 2 nos Açores, «*Oriental*» e «*Ocidental*», respectivamente com 2 e 7 ilhas, e na Madeira e Porto Santo, com 2 ilhas, e, finalmente, em Cabo Verde, com 12 ilhas».

Em 6 de Novembro de 1836, é por Decreto mais uma vez, novamente fixada a divisão territorial do Continente, mantendo-se os 17 «*Districtos Administrativos*» do Reino, mas sendo reduzido o numero de «*Concelhos*» que passaram a 351.

Ainda neste ano é proclamado o primeiro «*Código Administrativo*» portuguez, em 31 de Dezembro, código este cujas bases são as da Lei de 25 de Abril e Decreto de 18 de Junho de 1835.

E isto, diz o relatório, porque: — «*não podiam deixar de ser adoptadas como as mais liberais*».

Este «*código*» é aprovado por Decreto de 7 de Janeiro de 1837.

Mas por hoje basta.

Fabrica de Moagens

— DE —

Teresa da Jesus Brito

Casevel — ALENTEJO

## O NOSSO EMPREENDIMENTO

Continuamos a publicar os nomes dos amigos que nos honraram com a sua assinatura.

*Elvas* — Comandante Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, António da Conceição Albernú, António José Torres de Carvalho, António Manoel Gonçalves, Armando Ferreira Gonçalves, Domingos Aguiar Moreira Serra, Francisco Adelino Gonçalves, Francisco António Chinita, Francisco da Silva Telo Barquilha Júnior, Henrique Marques Cardoso, João Bagulho Picão Fernandes, Dr. João Garcia Pereira, Joaquim Casado Caldeira, Joaquim Guilherme de Vasconcelos e Silva, Dr. Joaquim Valentim, José Joaquim da Silva, João Espada Margalho, José Joaquim Gonçalves, José Mendes, José Tenório Rente, Dr. Júlio de Abreu, Dr. Manoel Antunes Barradas, Cap. Manoel Carpinteiro, Pompeu Caldeira, Dr. Raul Carlos da Silva Rebelo, Sindicato Agrícola.

*Santa Eulália* — João Ignácio Louro, José da Silva Telo Rasquilha, António Picão Caldeira, António da Silva Rasquilha, Francisco da Silva Carneiro Rasquilha, José Martins de Sousa, Miguel da Silva Carneiro Rasquilha, José António Cordeiro Vinagre.

*Vila Boim* — Francisco Picão Caldeira.

*Terrugem* — João António Cordeiro Vinagre.

## Curiosidades

Como se pode medir, de um barril, 4 litros de milho dispondo somente de uma medida de 5 litros e outra de 3?

Para medir quatro litros em 2 medidas, uma de 5 e outra de 3, enche-se primeiro a medida de 5 litros, e do conteúdo dela enche-se em seguida, a medida de 3 a qual se despeja de novo no barril.

Na medida de 3 litros os 2 que ficaram na de 5 litros; enche-se esta novamente, e do conteúdo dela acaba de se encher a de 3 litros. Deste modo ficou precisamente os 4 litros na medida de 5.

## O globo terrestre tem ainda fontes de energia para 35:000 anos

Num curioso relatório publicado há tempos pela comissão da conferência realizada em Londres acerca das fontes de energia existentes no mundo, vê-se que os sábios afirmam que serão necessários 35.000 anos para completo esgotamento das fontes de energia de que a Humanidade faz enorme consumo.

Assim, a totalidade de reservas de carvão que o nosso planeta encerra no seio é avaliada em 7:000.000.000.000 de toneladas.

Se se tomar por base a produção da hulha durante um ano, as minas poderão ainda fornecer ao mundo, durante 6 mil anos, o carvão de que necessita.

## Vida Alentejana

RECOMENDA

Adubos

Sapex  
Sociedade de  
Anilinas

Crivos

Marot

Farinhas

Nescao  
Nestlé  
Nestogeno  
Toddy

Fibrocimento

Luzalite

# O ilustre Presidente do Sindicato Agrícola de Montemor-o-Novo, sr. dr. Alfredo Augusto Cunhal diz à Vida Alentejana o que pensa sobre:

A Exposição Nacional Agrícola—O preço do trigo—A farinha em rama—As causas que influíram para as boas colheitas—As consequências da exclusão dos intermediários na compra do trigo

Chovia torrencialmente quando bate-mos à porta do palácio de Sua Ex.<sup>a</sup>, que se preparava para ir a Évora onde uma chamada telefónica o requisitara.

Com o fidalgo cavalheirismo de sempre o nosso entrevistado teve a amabilidade de nos dar alguns momentos, respondendo-nos prontamente ao rápido questionário que lhe formulámos, sobre os problemas que encabeçam o nosso artigo e que interessam os nossos assinantes.

— Qual a opinião de V. Ex.<sup>a</sup> acerca da realização duma Exposição Nacional Agrícola?

— Acho bem que se faça!

— Mas onde?

— Evidentemente no Alentejo e em Évora de preferência!

— «Vida Alentejana» já lavrou o seu protesto à ideia da realização duma Exposição Agrícola no Pôrto. Qual é a opinião de V. Ex.<sup>a</sup>?

— E' que, não sendo no Alentejo, que se realize a Exposição só em Lisboa, ponto mais central em atenção à lavoura ribatejana, que é a continuação natural da nossa, mas no Pôrto — nunca.

Donde concluímos que na opinião de Sua Ex.<sup>a</sup> a exposição agrícola é uma manifestação necessária a este ramo de actividade nacional e justo é que se faça como prémio e incentivo áqueles que, satisfazendo os desejos imperiosos do momento souberam responder à chamada do Estado Novo, semeando o trigo preciso às nossas necessidades impedindo a saída de somas enormes em ouro, que só com grande sacrifício se obtinha.

Apraz-nos registar esta opinião competentíssima, pois Sua Ex.<sup>a</sup> realizou em Montemor-o-Novo, quasi exclusivamente à sua custa, uma interessantíssima exposição pecuária em 1929, certamente que resultou brilhantíssimo e que lhe dá uma especial competência, para ter uma opinião que deve ser tomada em consideração.

— Sobre o problema do trigo, qual a opinião de V. Ex.<sup>a</sup>?

— Sobre o preço do pão não posso dizer, porque nada sei nem disso percebo, mas sobre o preço do trigo parece-me cedo para se ter uma opinião.

«Julgo que a futura colheita será inferior à passada, não porque haja qualquer retraimento, mas simplesmente porque o tempo vai um pouco adiantado e os trabalhos estão atrasados.

«Duma maneira geral nesta região deve semear-se menos e conseqüentemente deverá colher-se menos.

«Nestas condições não nos parece o momento oportuno para se falar em preço de trigo.

— A que se deve atribuir as grandes colheitas dos últimos anos? Serão elas devidas só a semear-se mais?

— Não senhor. São muitos os factores que concorreram para isso e que passo a enumerar:

1.º — O tempo favorável contribuiu imenso para os bons resultados.

2.º — O melhoramento nas condições de cultura.

«Com efeito a melhor compreensão do emprego dos adubos, que levou a lavoura a empregar os adubos compostos,

— De todas. Isto é, daquelas que o sócio requisita, mas se perguntar a nossa preferência dir-lhe-ei que francamente preferimos os das SAPEC, por tôdas as razões e sobretudo por nos satisfazer inteiramente como qualidade que tem provado bem e dado as melhores sementes.

— Ainda sobre o problema do trigo — perguntamos — parece-lhe que o intermediário para a compra de trigo faz falta ao pequeno ceareiro que lhe comprava o abubo a crédito e encontrava o seu pagamento com a venda do trigo, que lhe cedia por troca e encontro de contas?

— Francamente, acho que não faz falta ao ceareiro o intermediário, antes este foi beneficiado com a sua exclusão nas transacções de trigo, pois alguns procediam com verdadeira uzura e hoje o pequeno ceareiro encontra nos Sindicatos o tubo que precisa nas melhores condições de preço e na Federação dos Produtores de a colocação do seu cereal. E' certo que uma coisa falta ainda para fazer face às necessidades da pequena e da grande lavoura: são os armazens para recolha do trigo, mas esses não-de fazer-se e então tudo correrá como é de desejar.

Finalmente quizemos saber se a farinha em rama é ou não uma necessidade para a região.

Sua Ex.<sup>a</sup> diz nos que dadas as dificuldades que tem havido foi obrigado a fornecer farinha esportiva aos seus trabalhadores, com grande prejuizo para si, e se é certo eles não reclamaram foi porque elle lhes deu a farinha precisa a fazer o mesmo pão, mas se os trabalhadores não reclamaram não quer dizer que tenham ficado satisfeitos, apesar disso lhe ter custado mais caro do que o ajustado.

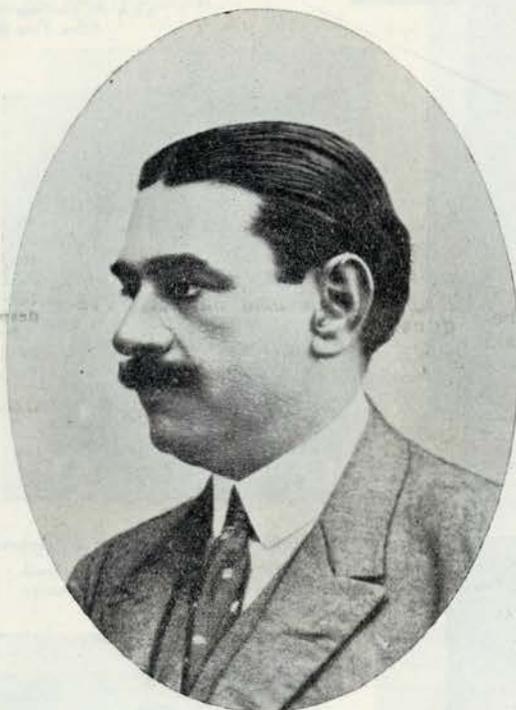
Por várias razões a farinha em rama não pode desaparecer e é necessário que se facilite até a sua venda.

E' com a maior satisfação que «Vida Alentejana» arquiva nas suas páginas as declarações importantíssimas para a lavoura feitas por S. Ex.<sup>a</sup> para o nosso semanário.

A entrevista com S. Ex.<sup>a</sup>, honra-nos sobremaneira e fica bem entre a colaboração da pleiade dos nossos mais ilustres colaboradores e por isso a publicamos gostosamente.

Assim «Vida Alentejana» põe em contacto as mais abalizadas opiniões dos homens mais importantes da terra alentejana com os seus leitores, procurando orientá-los e formar-lhes uma opinião sobre os problemas máximos da hora que passa.

H. V.



Dr. Alfredo Augusto Cunhal

dando às terras o azote de que elas precisavam sob a forma de nitrato de soda e sulfato de amónio e outras fórmulas.

«Visto que, o emprego exclusivo de superfosfato, acidificava as terras dando-lh o fósforo que elas precisavam, não lhe dava os restantes elementos nobres e até as prejudicava pelo excesso de acidez, que o ácido sulfurico livre lhes produzia.

— Mas V. Ex.<sup>a</sup> sabe bem que o superfosfato é imprescindível á terra e por isso acrescenta...

— E' claro que se não fôsse a grande quantidade de super, que hoje se emprega não teriamos a produção que temos!

— De que marca é o super que o Sindicato Agrícola que V. Ex.<sup>a</sup> é presidente, gasta?



O nosso assinante João Nunes Sequeira com sua esposa e miúdos (Santo António das Areias)



Os filhinhos do nosso assinante Francisco da Silva Telo Rasquilha Junior e netinhos do também nosso assinante José da Silva Telo Rasquilha (Elvas)



José Elias Romão Martins, filho do nosso assinante Joaquim Elias e neto do também nosso assinante José Elias (Portalegre)



O nosso assinante Domingos Serra com sua esposa e filhos (Campo Maior)



O nosso amigo Manuel A. Moura, com sua esposa e filhos, netinhos do nosso assinante Francisco Romão Tenório (Portalegre)



Filhinho do nosso assinante dr. Antonio Canejo (Fronteira)

**O director da "Alentejana" deseja Boastas aos miúdos alentejanos e suas famílias.**



Os netinhos do nosso assinante Pereira de Moura (Monforte)



Filha do nosso assinante Miguel da Silva Rasquilha e sobrinha do também nosso assinante Francisco Romão Tenório (Arronches)



Os filhos do nosso assinante Maximiano Namora do Grilo (Fronteira)



Um dos 7 filhos do nosso assinante João Torres Vaz Freire (Evora)



Um pastorinho alentejano



Os filhos do nosso assinante da Costa Pinto (Fronteira)



Outro pastorinho alentejano



Filho do nosso assinante Joaquim da Silva Brito Pais (Vale do Sado)

# A ROSEIRA

## Sua origem e sua importancia «ética e étnica»

Pelo Professor S. Decker

### VIII

A classificação das rosas poderá ser feita obedecendo a vários princípios.

Seria mais natural seguir a classificação botânica. Entretanto, hoje são numerosos os híbridos, complexos que não podem ser incorporados a a nenhum dos grupos puramente científicos. Existem ainda grandes grupos botânicos que não têm nenhuma ou têm apenas pouca importancia para o nosso meio. Por isso é preferível seguir a classificação adoptada pela prática que em linhas gerais, felizmente se identifica com os grupos botânicos.

Aliás, proceder de outra forma seria abusar dos simples amadores, a que se destinam estas linhas, fatigando-os com longas considerações que a eles nunca poderiam interessar. A vida prática exige um ensino prática.

### CLASSE I

Compreende as rosas que florescem só uma vez por ano, na prima-

vera. Compreende também diversos grupos.

1.º — Grupo da «Rosa Centifolia» — «rosas de cem fôlhas», florescendo também uma vez por ano.

A «centifolia típica» encontra-se em estado silvestre no Caucaso, na Asia Menor e Pérsia. É uma roseira arbustiva e muito ramificada, com fôlhas bem desenvolvidas, cujos folíolos verde-escuros, glandulosos, especialmente na rachis central lhe conferem um cheiro especial e particularmente aromático. As flores são quasi sempre globulosas, com o centro afundado. O seu colorido é o «rosa centifolia» muito característico, tomando em certas variedades matizes azulados muito curiosos que, nesta raça, em nada prejudicam a beleza das flores deliciosamente perfumadas. Os ramos são verdes, pardacentos ou pardos, e providos de numerosos aculeos direitos, ensifor-mes sómente na base. Esta raça varia pouco por si mesma, mas bastante quando há introdução de sangue alheio.

## A quem dorme...

Sou sócio do Grémio Alentejana — já ha alguns anos — tendo as minhas cotas em dia, e subscrevi-me para o empréstimo destinado a garantir a sua permanência no esplendido edificio onde se encontra instalado. Além disso já, por variadíssimas vezes, e tanto em artigos como discursos, tenho focado a sua razão de ser, apelando para que todos os alentejanos contribuíam para a sua manutenção.

Pelo exposto julgo ter tãda a autoridade moral para criticar a vida das suas secções, do célebre Concelho Regional, a que já dediquei vários artigos em «Brados do Alentejo», artigos que, infelizmente, resultaram estereis pois a idéia neles defendida — III Congresso da Imprensa Alentejana — continúa apenas no número dos projectos.

O Concelho Regional, segundo palavras do seu relatório do ano de 1933, foi criado para estreitar as relações entre a Sede Lisboa e a Provincia, ser o interprete junto das Es-ta-ções Officiais ou de quaisquer em-

prezas ou organismos existentes na capital, das mais justas e instantes reclamações dos centros da população do Alentejo e de exercer, por todos os modos, uma larga acção de confraternisação entre todos os que se sintam ligados por laços afectivos, derivados do facto de terem nascido na mesma região e de lhe quererem como a uma segunda Pátria.

Nenhum alentejanista pode deixar de, em absoluto, concordar com a criação dum organismo destinado a tais fins. E que a doutrina do Concelho Regional do Grémio Alentejano era a melhor, demonstra o cabalmente o facto de todos os outros Grémios Regionais terem imitado o nosso, creando Concelhos identicos.

O que estes têm sido não sei, sabendo apenas que aquela nada tem feito.

Ainda bem recentemente, e duma forma bem lamentável, mostrou a sua inercia, a carência de reformas.

Quero-me referir à Exposição Agrícola de que os paladinos alentejanistas: «Brados de Alentejo», «Demo-

## Boas contas

Certo guarda livros pediu ao patrão aumento de ordenado. A vida cara, etc.

A resposta foi esta:

Um ano tem.....	365 dias
O sr. trabalha diariamente 8 horas portanto só a terça parte...	121 »
Menos um domingo por semana...	52 »
Saldo a s/favor.....	69
Ao sábado só trabalha meio dia, prefazendo no ano um total de	26 »
Saldo a s/favor.....	43 »
Todos os dias tem 1 hora para almoçar o que prefaz.....	13 »
Fica com um saldo de....	30 »
Se todos os anos tem 2 semanas de férias.....	14 »
Só lhe restam portanto...	16 »
Feriados e santificados.....	12 »
Só tem portanto.....	4 »
Mas... o senhor, durante o ano não falta menos por vários motivos de.....	4 »
Consequentemente o seu saldo é.....	0

E ainda o sr. quer aumento de ordenado?

cracia do Sul. Vida Alentejana», «Correio Elvense» e «Diário do Alentejo» se ocuparam, procurando quem de direito a organisasse no Alentejo como justo seria uma vez que a nos sa Provincia é a que em maior escala se dedica à agricultura.

O Concelho Regional está colocado no número de quem de direito tem como os outros que constituem esse numero, dormido a sono solto e, como diz o rifão, a quem dorme, dorme-lhe a fazenda; o que deu como resultado o Porto ter já nomeado comissões para levar a efeito a exposição que a imprensa alentejana alvitrara. Se o Concelho Regional fôsse o que devia, ao verificar o repouso das outras entidades incluídas no quem de direito, tomaria sobre si o encargo de realizar, de executar o que o Alentejo desejava.

Infelizmente tal não sucedeu, o Concelho Regional, mais uma vez mostrou a sua inutilidade, e a Provincia terá ocasião de lêr, nos colossos as noticias da Exposição Agrícola do Porto!!!

Julgo ter já frisado que, em absoluto concordo com a fundação do Concelho, a quem, segundo meu critério, deveria caber o mais importante papel na luta alentejanista; mas com a sua apatia o meu regionalismo insurge-se, e só me dá vontade de gritar: Reforma, Reforma.

Joaquim Augusto Camara Manuel

# CUBA E' uma vila alentejana que constitui uma sentinela da planície heroica

A vila de Cuba, não obstante o abandono a que tem sido votada pelos Poderes Públicos, é, sem contestação, uma das mais importantes e progressivas do districto de Beja.

E' invejável a sua situação topográfica, estando — como está — a poucas dezenas de metros da sua estação ferro-viária.

Edificada numa vasta planície de exuberante vegetação, é circunvalada por uma linda estrada, fartamente arborizada, e, em sua volta, existem vastos logradouros públicos; neles se fazem as debulhas, espectáculo interessante, cheio de vida, talvez único no País, não só pelo grande número de médias de trigo e de outros cereais, como pelas variantes dos sistemas de debulha, desde os mais primitivos até aos da moderna máquina — debulhadora.

Cuba conta bons edificios públicos, tais como o dos Paços do Concelho, vasto e elegante, e no qual se acham instaladas todas as repartições públicas (excepção do Tribunal Judicial) esquadra policial, alojamentos para forças militares, serviços dos correios e telégrafos, e ainda habitações para os respectivos funcionários.

O do Hospital não é menos vasto, embora de construção antiga; está dotado com material cirúrgico moderno, que permite fazerem-se nêde difíceis operações.

Possui uma extensa cêrca, com pomar, e que produz abundante hortaliça.

Anexo ao Hospital está também instalado um asilo para velhos, aos quais é fornecida bôa e sã alimentação e roupas para uso.

A vila conta também alguns edificios particulares dignos de menção; entre êles destacam-se o palacete do Sr. José Palma Borrallho, o do falecido Dr. Francisco Taquenho e o da Ex.<sup>ma</sup> D. Terêsa Matos Bissaia Barreto.

São dignos de serem visitados os lavadouros públicos, construídos nos subúrbios da vila, em sítio aprazível; vêm-se ali dois espaçosos tanques, e, em sua volta, árvores frondosas, ampla cobertura em zinco sustentada por vigorosas e elegantes colunas de ferro, sendo todo o recinto, que é vasto, profusamente iluminado por lâmpadas de electricidade.

E' esta, sem dúvida, uma das mais belas obras levadas a efeito em Cuba — e é de justiça mencionar aqui o seu autor, Sr. Constantino Taborda

Moraes, ao tempo mui digno Presidente da Câmara Municipal, a quem o concelho muito ficou devendo.

Existem na vila diversos clubs recreativos e de desporto, alguns dêstes com belas salas de jogos, de baile e de exercícos ginásticos — e ainda uma sociedade filarmónica, cuja séde, com teatro anexo, é propriedade da mesma.

A banda, excelentemente organizada, e com crescido número de executantes, rigorosamente uniformizados executa amiudadas vezes, escolhidos concêrtos no jardim público agora em completa transformação, e onde, na rua central, se ergue um elegante e sólido coreto construído em cimento e ferro.



Passeio de Nossa Senhora da Rocha

Desde há dois anos que, por ocasião da feira anual, em Setembro, e por iniciativa da Câmara Municipal da presidência do importante lavrador e proprietário Sr. José Palma Borrallho, coadjuvada por comissões de cubenses entusiastas pelo progresso da sua terra natal, se vêm realizando interessantes festas cívicas, com exhibição de ranchos de cantadeiras regionais, corridas de bicicletas, ginkanas e outros desportos modernos.

Criaram-se prémios relativamente valiosos e artísticos para as barracas de mais original apresentação, e organizaram-se grupos de distintas meninas que, desprezenciosa e gentilmente, serviam chá e dôces a nobres e plebeus.

Tendo sido estabelecidos, nos combóios, bilhetes a preços reduzidos, foi farta a concorrência de forasteiros, que a população recebeu carinhosamente.

A estação do caminho de ferro de Cuba é das de maior rendimento da linha do Sul e Sueste, mórmente em mercadorias, pois além do movimen-

to do comércio desta vila, faz-se por ela todo o tráfego proveniente de mercadorias e passageiros dos concelhos de Vidigueira e Portel.

Cuba é iluminada por energia eléctrica desde há muitos anos, estendendo-se a rede até à estação do caminho de ferro.

A sua população aglomerada é de cêrca de 5.000 habitantes, e é antiga séde de comarca constituída por os concelhos de Alvito, Cuba, Vidigueira, e ainda por uma parte do de Ferreira do Alentejo.

Por esta descrição, aliás muito incompleta, à falta de elementos estatísticos que não é fácil obter, demonstra-se cabalmente que Cuba merece, sem favor, a categoria de vila importante do Baixo Alentejo.

De lamentar é, porém, que nunca tenha merecido do Terreiro do Paço a assistência material a que tem incontestável jús.

A comprová-lo estão as obras do edificio do Tribunal Judicial e cadeia da comarca, que, desde há longos anos, se arrastam sem apreciável andamento — quais obras lendárias de Santa Engrácia — e o projecto aprovado já há muitos anos, mas sem execução, do ramal da estrada de Cuba à aldeia de S. Matias, numa extensão que não vai além de 5 ou 6 quilómetros, e sem obras de arte dispendiosas.

E, sem dúvida, uma obra que se impõe, pois não existindo estrada macadamizada que ligue Cuba a Beja, a comunicação entre estas localidades viria a tornar-se muito mais rápida e cômoda se estivesse feito aquele ramal, que iria ligar a estrada distrital entre a Vidigueira e aquella cidade.

Chega a parecer existir um propósito, que envolve, porventura, inconfessáveis interesses, a manutenção de tão lamentável estado de coisas, com prejuizos e sacrificios de uma população inteira!

Lisboa, Dezembro de 1934.

J. BENTO DA CRUZ

**Dr. Joaquim A. Guerreiro**

**Cirurgião Dentista**

Rua do Loreto, 50—1.º

Telefone 20715

Trabalhos, os mais difíceis 20% de desconto aos assinantes da *Vida Alentejana* e socios do respectivo Gremio.

# Ainda o problema do Pão

Os lavradores que acudiram ao apelo que lhes foi feito não podem receber como recompensa um sacrifício superior ás suas forças

Não é demais insistir, o preço do trigo não deve ser reduzido da presente tabela oficial, porque isso será o maior erro de visão dos Governos que vêm gerindo os destinos do País.

Na esperança de que esse preço ou tabela de preço de trigo se mantivesse, fizeram-se muitos sacrifícios; lavradores houve que contraíram largos compromissos fazendo arrendamentos a longo prazo e adquirindo alfaias, gados e utensílios agrícolas num montante difícil de volver em poucos anos. Outros adquiriram propriedades, recorrendo ao crédito nas péssimas condições da época transacta, todos finalmente alargaram a sua esfera de acção até ao máximo possível, confiantes, dadas as instigações dos que se lançaram na campanha da produção do trigo, fazendo a mais patriótica e benéfica propaganda do último meio século.

Não faz sentido que se inutilisem tantos esforços sem serem esgotados todos os recursos depois de feito criterioso estudo do método prático de conciliar todos os interesses em causa, sendo o 1.º a atender, a necessidade de fixar um preço relativamente baixo, consentaneo com o valor da matéria prima dos proventos e das necessidades da população menos remediada — o preço do pão.

Esse preço foi tacitamente tabelado de conformidade com o preço estabelecido para as farinhas, mas porque havia possibilidades de o reduzir, foi voluntariamente reduzido pela panificação propriedade das Moagens, assim temos o fornecimento feito directamente por estas aos preços de 1\$60 e 1\$70.

Os padeiros, forneceram até há pouco e durante largo período, 95 e 97 quilos de pão, em tróco de 75 quilos de farinha flôr.

Deêm-se os interessados ao trabalho de fixar os cálculos e verem se há outra razão para a elevação dos preços do pão indicados, que se filie na recente organização das Moagens. E não será do perfeito conhecimento público o conluio? Mas fazendo larga distribuição de proventos por fábricas fechadas para laboração, nefasto entrave para a concorrência, para a difusão do trabalho e para a economia pública.

Só não vê nem compreende quem não tenha olhos de ver!

Pode a lavoura e a população de

um país estar à mercê das habilidades destruidoras do esforço ingente de uma classe em que têm ocupação 80% da população nacional e da qual irradiam benefícios para todas as artes e indústrias.

Não é justo.

Como justo não é desatender as classes pobres que trovejaram contra tudo e todos porque o pão, seu principal alimento, é caro e mau, podendo ser mais barato e mais alimentício se fôsse permitido a sua fabricação de farinhas em rama e dos trigos rijos, e houvesse probabilidades de escolha em dois tipos, um mais barato outro mais caro.

A lavoura constitui a maior indústria e riqueza do nosso país, deve merecer o máximo desvêlo e auxílio dos Poderes Constituídos.

A produção é tudo; a superabundância é um problema de felicidade a resolver com perspicacia nos seus raros períodos transitórios. O que importa é criar riqueza, e amontoá-la para a difundir nas épocas de escassez as quais são implacáveis e inevitáveis. Não deve pois ser das medidas mais acertadas dos patrióticos Governos que vêm deligenciando contentar a opinião pública, reduzir o preço do trigo, definhar ou depauperar a lavoura, classe que se dedica ao grangeio da terra, numa labuta incessante em prol do pão para todos e do bem-estar do maior número.

Os clamôres, quando não constituem rebeldia, são avisos salutarees a atender, desprezá-los ou não os ouvir, é em muitos casos, o rastilho da perdição...

JOSÉ MENDES  
Lavrador em Elvas

## Pensão Zangarilho

Casa Portuguesa

Cosinha Portuguesa, Franceza e Espanhola e serviço á carta

Beirã — Ramal de Caceres — Leste II

Preços convencionais para hospedes permanentes

## Vida Alentejana

Preço da assinatura

Série de 5 numeros..... 5\$00  
" " 10 " ..... 10\$00

Número avulso 2\$00

## Grémio Alentejano

Proseguimos hoje na publicação dos nomes dos subscritores do empréstimo emitido pelo Grémio Alentejano, que vai seguindo os seus tramites, tendo-se encetado as visitas aos concelhos da nossa Província. Os resultados colhidos pelos delegados do Grémio podem considerar-se lisongeiros, visto que não só as verbas obtidas vêm avolumar o montante da subscrição como se cria um novo elo entre a Província e o seu Grémio, tornando mais conhecidos os fins da instituição e adquirindo novos sócios, o que é de um alcance muito significativo.

Transporte anterior, 71.300\$00; Joaquim Maria Busca, Assumar, 100\$00; Alvaro de Lima Calado, Assumar, 100\$00; Manoel Rodrigues Torres, Assumar, 100\$00; Joaquim Manuel Conchinhas, Assumar, 100\$00; Bernardino Borrecho, Lisboa, 200\$00; Virgílio Augusto Esperança, Pias, 200\$00; Antonio Martins Pimenta, Elvas, 100\$00; Francisco G. Mendes Palma, Torrão do Alentejo, 100\$00; Joaquim Mendes Palma, Torrão do Alentejo, 100\$00; José Mendes Palma, Torrão do Alentejo, 100\$00; Francisco Mendes Palma, Torrão do Alentejo, 100\$00; José Diniz da Graça Vieira, Lisboa, 1.000\$00; José Francisco Pereira, Lisboa, 200\$00; Augusto Ludgero Marques de Abreu, Lisboa, 100\$00; Dr. Raul Garcia Marques de Carvalho, Galveias, 10.000\$00; José Henriques, Ponte de Sôr, 100\$00; Dr. José Machado Lobato, Ponte de Sôr, 100\$00; José de Matos, Ponte de Sôr, 100\$00; António Lopes, Ponte de Sôr, 100\$00; Dr. Antonio Maria Santana Maia, Ponte de Sôr, 100\$00; João Rita Algarvio, Ponte de Sôr, 100\$00; Americo Soares Correia, Ponte de Sôr, 100\$00; José Nunes Marques Adégas, Ponte de Sôr, 300\$00; José Pratas Nunes, Ponte de Sôr, 200\$00; Narciso Teófilo Pereira Durão, Ponte de Sôr, 100\$00; Casimiro dos Reis Delicado, Ponte de Sôr, 100\$00; António José Escarameia, Ponte de Sôr, 200\$00; Joaquim Teles Rodrigues, Ponte de Sôr, 100\$00; Daniel da Silva, Ponte de Sôr 100\$00; Abel Garcia Farinha, Galveias, 500\$00; Joaquim Galveias Mendes, Ponte de Sôr, 200\$00; Joaquim António Crespo, Galveias, 100\$00; Junta de Fréguesia, Galveias, 100\$00; António Bastos Moreira, Ponte de Sôr, 100\$00; Total da subscrição, 86.700\$00.

## Album Alentejano

Em consequência da demora de entrega de elementos relativos aos concelhos de Niza, Elvas e Portalegre ainda não está concluído o Tomo de Portalegre do *Album Alentejano*.

A Direcção conta concluir esse trabalho entre 2 meses.

## CLINICA MEDICA DENTARIA

Calçada do Carmo, 25, s/1-D. — Telefone 2-7146

Todo e qualquer trabalho de cirurgia da especialidade — Clinica medica 20% de desconto aos assinantes da VIDA ALENTEJANA e socios do Gremio Alentejano, sobre a tabela afixada no Consultório

## Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Vitoria, 88-3.º

Telef. 27277

LISBOA



